

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## CANTIGAS POPULARES DO MINHO

(Recolhidas em Ponte do Lima)

278

Hei-de-me vestir de branco,  
O branco de noite alveja;  
Tambem o meu coração,  
Ao pé do teu se deseja.

279

Nunca mais torno ao rio,  
Nunca mais vou pescar peixe,  
Hei-de deixar o men bem,  
Antes que elle me deixe.

280

Accordei hoje mui cedo,  
Antes de nascer a aurora,  
Puz-me a pé e vesti-me,  
Sahi pela porta fóra.

281

Sou artista e trabalho,  
Ganho dôze vintens puros;  
Como bem, visto e calço,  
E dou dinheiro a juros.

282

Em saber cantar cantigas,  
A ninguem eu tenho mêdo;  
Minha terra é Coimbra,  
Bebi agua do mondego.

283

O meu amôr deu-me um lenço  
Pela sua mão bordado;  
Tem uns raminhos nas pontas,  
No meio o sol retratado.

284

Eu vejo d'aquí o mar,  
Cheio de branca espuma;  
Elle levou o meu amôr,  
Não tenho esperança alguma.

285

Chapeu de meia moeda,  
Ninguem o tem se não eu,  
Do coração agradeço,  
A quem o comprou e m'o deu.

286

Teu cabelo entrançado,  
Diz bem de toda a maneira;  
Quem me dera vel-o breve,

Sobre a minha traveseira,  
287

Perdoa minha menina,  
De subir ao teu telhado;  
Fui só ver a tua cama,  
Com seu lindo cortinado.

288

Gostei sempre que a sôpa,  
Mê soubesse a hortelão;  
Assim como gostaria,  
Dos beijos de teu irmão.

289

Não pegue na minha mão,  
Diga do longe o que quer;  
Se alguem nos vê eu perco,  
Perco porque sou mulher.

290

Olhaste para mim hontem,  
Quando estavas á meza,  
Mas teu olhar é tão frio,  
Mostra não teres firmeza.

291

Já disse que te não queria,  
Repito que te não quero,  
Meu peito está guardado,  
Para mais alto castello.

292

Bem te conheço menina,  
Como filha d'um padeiro,  
Se queres casar comigo,  
Teu pae que te dê dinheiro.

293

Minha mãe depois da cêa,  
Cuida que me vou deitar  
Ella já está dormindo,  
E eu ainda a namorar.

294

Queria teu coração,  
Fechado com cadeados,  
Para que, de ti auzento,  
Eu não tivesse cuidados.

295

Com essa côr desmaiada,  
E com esse andar de brio;  
E's um assucar em ponto,  
Que até mettes fastio.

296

Nunca tive uma amiga,  
Que fosse do meu parecer;  
Estas amigas de hoje,  
São de levar e trazer.

297

Matae ó meu Deus, matae,  
Matae a minha rival,  
Só assim me livrarei,  
De quem me faz tenho mal.

298

O' Senhora dos remedios,  
Hei-de lá ir este anno;  
Se não for com o meu noivo,  
Irei então com o meu mano.

299

Raparigas do meu tempo,  
Chorai agora por mim,  
Eu vou dar a minha mão,  
Para seculos sem fim.

300

E' verdade, sinto muito,  
A morte de seu marido;  
São coisas que Deus ordena,  
Quer você casar commigo?

301

O meu coração vivo triste,  
Vive triste e maguado;  
Vou para cantar e choro,  
Lembra-me o tempo passado.

302

Chorai olhos, chorai olhos,  
Lagrimas cahi, cahi;  
Chorai a minha desgraça,  
Chorai o bem que perdi.

303

Dame erguer sempre cêdo,  
Eu nunca tive perguça;  
Domingos e dias santos;  
Fui sempre á primeira missa.

304

Lembra-se de mim menina,  
Outro tanto farei eu;  
E apresse o momento,  
De me poder chamar seu.

305

Rosa preta, rosa branca,  
Rosa de todas as côres,  
Quem me dera apanhar-to,  
Para dar aos meus amôres.

306

Castanheiro sem ouriços,  
Que castanhas pode dár;  
Homem pobre sem dinheiro,  
Que amôres pode tomar,

307

Nem eu posso ter socego,  
Nem descansado dormir,  
Vejo que está penando,  
Quem desejo pessuir.

308

Quando eu tomar amores,  
Ha-de ser com alfaita;

Que me faça um collete,  
Que de apertado me mate.

309

Não voltes a minha casa,  
Sem comprares cabelleira;  
Quem tem o amor careca,  
Tem a morte á cabeceira.

310

Quem me dera agora ver,  
O meu adorado bem;  
E mais queria saber,  
A conta em que elle me tem.

311

Tenho um rol de cantigas,  
Nos canos das minhas botas  
Para ensinar ás raparigas,  
Umás direitas, outras tortas.

312

As vagas do mar na praia,  
Castigam as rochas duras,  
Porem tu minha menina,  
Me venceste com branduras.

313

O teu amôr ó ingrata  
E' como as ondas do mar;  
Tanto avançam à praia,  
Para depois retirar.

314

N'aquella barca ligeira,  
Encostado á amurada,  
Vae o meu amôr tão triste,  
Olhando sem dizer nada.

315

Foi forçado a partir,  
Deixou-me na primayera,  
E com um beijo me disse,  
Eu voltarei, tu espera.

316

Vou só por te comprazer,  
Outra cantiga cantar,  
Mas não te chegues a mim,  
Que posso desafinar.

317

Olha para mim menina,  
Ouve bem as minhas queixas;  
Sou feliz se tu me amas,  
Infeliz se tu me deixas.

318

Eu não sei que gosto tens,  
Em me veres maguada,  
E como gostas de trazer,  
A tua amante enganada.

319

Eu por ti foi adorada,  
E eu ati adorei tambem;

Quem para ti era tudo,  
Agora não é ninguém.

320

Quando te dei minha mão,  
Apertaste os meus dedos;  
Foi a minha perdição,  
Contar-te os meus segredos.

321

Eu me queixo com rasão,  
Do amôr que me enganou,  
E' tarde toda a cautela  
Para quem escorregou.

322

Bem julguei estar segura,  
Senhor do teu coração;  
Mas agora bem conheço,  
Que em mim foi illusão.

323

Imposturas e enganoso,  
Incobrir sabes com geito;  
Mas ainda tenho coragem,  
De te riscar de meu peito.

324

Terias mais compaixão  
E menos rigor commigo;  
Se o meu travesseiro ouviisse  
O que eu a sós lhe digo.

325

Se minha paixão não pôde,  
Tocar teu peito de leve,  
Jámais acreditarei,  
Que o fogo derreta a neve.

326

Vivo aqui solitario,  
Triste passo noite e dia,  
Nada presto, nada valho,  
Sem a tua companhia.

327

Auzente de te ti menina,  
Não tenho gosto de nada;  
Vivo triste e solitario,  
Só o chorar me agrada.

328

Encontrei o meu amor,  
Meu hombro tocou o seu;  
Elle ia tão distraído,  
Nem mosmo me conheceu.

329

Para tu me esqueceres,  
Preciso é que estivesse,  
Ou na fria sepultura,  
Ou que Deus assim quizesse.

330

Desde que eu conheci,  
Que me trataes com mimo:

Não podes fazer ideia,  
Do quanto eu te estimo.

331

D'antes na tua rua,  
Passava a tocar viola;  
E se te via à janella,  
Não faltava a cantarolla.

332

Bati manso á tua porta,  
À tua mãe se benzeou,  
E resou a Santo Antonio,  
Não sabia que era scu.

333

So eu me fiasse em ti,  
Era a minha perdição;  
Que tu eras um vadio,  
Avisou-me meu irmão.

334

Todas têmeos o teu irmão,  
Por um grande paravilho;  
Tu parecês-te com elle,  
E segues o mesmo trilho.

335

Os rapazes do meu tempo,  
Eram mais bem comportados;  
Os da época presente,  
Parecem endiabrados.

336

Se ainda hoje tivera,  
A vós que eu tinha d'antes,  
Havia de admirar,  
Minhas cantigas galantes.

337

O' tempo em que andava,  
Entretido pelos prados!  
E ouvia á minha avó,  
Continhos tão engraçados!

338

Quando a minha avó morreu,  
Ainda eu era creança;  
E ella era tão boa,  
Decerto no ceu descança.

339

Quando vejo o meu amôr,  
A passeiar no jardim,  
Tem um garbo tão airoso,  
Que parece um seraphim.

340

Venho hoje sem gravata,  
Que me esqueceu na gaveta;  
Pouco me importa com isso,  
Não é dia d'etiqueta.

341

Não quero morar em rua,  
Onde se tocam tambores;

Essa musica infernal,  
Atrôa os moradores.

342

Eu tenho no meu quintal.  
Um bonito rouxinol;  
Canta ao amanhecer,  
Chora ao pôr do sol.

343

Em doença que tivesse,  
Nunca fui a corandeiro;  
Tambem nunca a minha cara  
Entreguei a algum barbeiro.

344

Tomara cá o S. João,  
O meu santo desejado;  
Para ir cedo banhar-me,  
La no tanque do meu prado.

345

Acolá n'aquelle banco,  
Está uma dama sentada;  
Queria chegar-me a ella,  
E deixal-a amarrotada.

346

Menina và-se deitar,  
Que lhe está chegando o somno;  
Eu a irei embalar,  
Se ainda não tem dono.

347

Tomara eu já morrer.  
Visto ser tão desgraçada;  
Que te não torno a ver,  
Estou já desenganada.

348

Não quero mais a cidade,  
Vou-me para a minha aldêa,  
As moças da minha terra,  
Não acho nenhuma fêa.

349

Que me vejo enganada,  
Não o posso duvidar,  
E a minha perdição  
Não posso mais evitar.

350

Do que fiz por tua causa,  
Eu bem torço a crelha,  
E quando d'isso me lembro,  
Sinto a face vermelha.

351

Auzente da minha terra,  
A vida é-me um tormento;  
Que lá prometteu ser minha,  
Não me sae do pensamento.

352

Se de novo te amasse,  
Era asneira completa;

Que dizia esse mundo,  
Que te tem por um pateta.

353

Podes dizer mal de mim,  
D'isso não me admiro;  
Tu bom quizeste caçar-me,  
Mas não me acertaste o tiro.

354

Eu bem sei o que tu és,  
Fingindo toda virtude;  
Mas não me tenhas na conta,  
D'aquellas a quem se illude.

355

Já fui soldado do rei,  
E não fui nenhum malsim;  
Obedeceu sete annos,  
Ao toque do clarim.

356

Já fui soldado do rei,  
Agora sou hortelão;  
Venho servir-te menina,  
Como servi á nação.

357

Já fui soldado do rei,  
Já teve a vida em perigo;  
Agora minha menina,  
Venho buscar teu abrigo.

358

Quando tu eras pequeno,  
E andavas na eschola,  
Outros rapazes diziam,  
Que tu soffrias da bolla.

359

Vae-to d'ahi embora,  
Refinado toleirão,  
Não tornes à minha porta,  
A tocar mal, violão.

360

Arranja minha menina,  
Uma sacca com dinheiro;  
Depois vae á romaria,  
Eu serei tou escodeiro.

361

Não faltes, meu bem não faltes,  
Ao que promeestes um dia;  
Se faltas á tua palavra,  
Pões-me na ultima agonia.

362

Fallei-te em casamento,  
Coisa muito natural;  
Se queres casar commigo,  
Não te ha-de ir muito mal.

(Continúa)